

personagem

A TRAJETÓRIA VITORIOSA NA LUTA CONTRA O CÂNCER

Um exemplo de dedicação

Aos 71 anos, o cirurgião oncologista Marcos Moraes dedica diariamente duas horas e meia à prática de esportes. Levanta às 5h, corre oito quilômetros. Nada por um quilômetro e meio, com uma disposição de dar inveja a qualquer atleta. Às 7h30, dá início à sua rotina de trabalho, dividida entre a presidência da Academia Nacional de Medicina, a Presidência do Conselho de Curadores da Fundação Ary Frauzino para Pesquisa e Controle do Câncer (FAF), entidade de apoio ao INCA fundada em 1991, e a agenda de consultas e cirurgias. Perguntado sobre como faz para conciliar tantas funções e obrigações com a vida pessoal, respondeu com um ditado popular que cresceu escutando de seu pai, um comerciante do interior de Alagoas: “se quiser algo bem-feito, confie a um homem sem tempo”.

Há seis meses eleito presidente da Academia, Marcos Moraes assume um novo desafio: imprimir a modernidade administrativa e funcional, fundamentais para a evolução da profissão, “respeitando a tradição deste que é o berço da Medicina brasileira”. À frente da ANM, o cirurgião oncologista tem se dedicado de modo especial ao projeto de avaliação do ensino médico no País, que tem discutido com intelectuais da área, lideranças políticas e ministros de Estado. Segundo ele, falta estrutura, equipamento ou mesmo preparo do corpo docente para a maioria das escolas continuarem funcionando. “Meu objetivo principal é aprimorar e consolidar o ensino da Medicina e, ao mesmo tempo, desmistificar a Academia, tornando-a mais acessível a todos”, resume.

Natural de Palmeira dos Índios, em Alagoas, o médico herdou do pai, o comerciante Osório Accioly de Moraes, seu maior inspirador, a criatividade e o jogo de cintura para administrar. Da mãe, Dejanira de Oliveira Moraes, herdou o dom de ouvir e respeitar. Mãe de seis filhos, ela jamais privilegiou nenhum deles.

Da infância, recorda com orgulho da amizade de seu avô materno com Graciliano Ramos, de quem foi secretário na prefeitura de sua cidade natal. O avô era um homem das artes. De origem humilde, conciliava o emprego na prefeitura com a função de maestro da orquestra da cidade e produtor de peças teatrais, nas quais Marcos chegou a atuar ao lado de primos.

Sua independência veio cedo. Chegou ao Rio aos 12 anos, ganhador de uma das duas bolsas de estudo que o rígido e bem conceituado Colégio Pedro II concedia anualmente a cada estado brasileiro. Com um enxoval preparado pela mãe, o jovem Marcos Moraes sofreu um verdadeiro choque cultural ao entrar no internato da escola carioca, que reunia a



“Sabe aquele sentimento que nos leva a defender a terra a todo custo? Então, o INCA é minha segunda pátria”

nata intelectual brasileira, como o professor Mário Pedrosa e o colega Paulo Francis.

Ao terminar o segundo grau, chegou a cursar Engenharia na Escola Politécnica de São Paulo, que abandonaria em menos de um mês para investir em Medicina. Reiniciou os estudos na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), onde, no sexto ano, se especializaria em Cirurgia. Ao encerrar a residência, começou a carreira na cidade natal até que, três anos depois, seguiu para a Universidade de Chicago, nos EUA, onde se especializou em Cirurgia Oncológica.

De volta ao Brasil, quando chefiava o Departamento de Cirurgia do Hospital da Universidade Gama Filho, em 1989, recebeu um convite direto do recém-eleito presidente da República, Fernando Collor, para integrar a equipe que elaboraria o programa nacional para a área da saúde. O convite surpreendente partiu da indicação de um ex-aluno, o alagoano Luís Romero, que futuramente assumiria a Secretaria Executiva do Ministério da Saúde. Convite aceito, deparou-se, pela primeira vez, com a questão do câncer como problema sistêmico de toda a nação.

O próximo passo foi assumir a direção do INCA onde, segundo ele, encontrou uma estrutura burocratizada e precária, caracterizada pelo orçamento limitado e greves regulares. Começou a defender a adoção do modelo de institutos de países

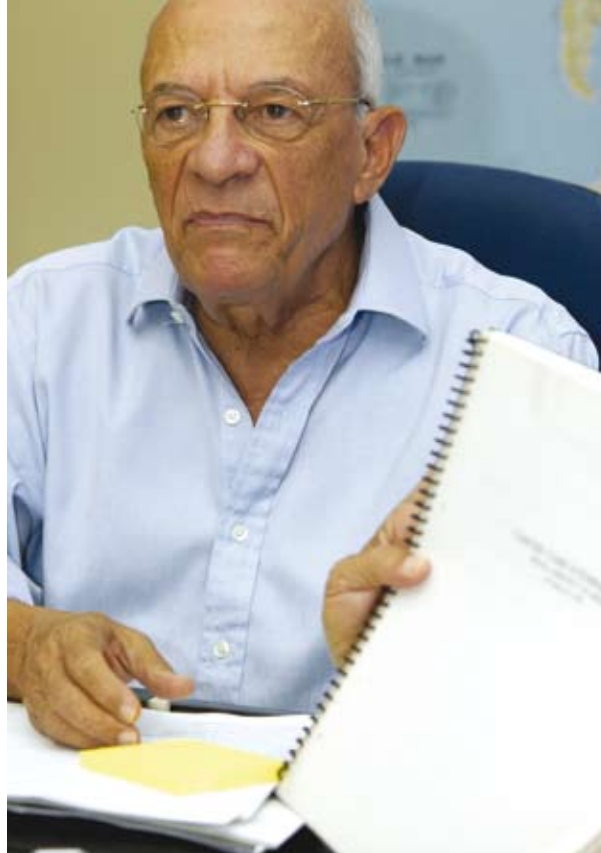
de Primeiro Mundo para que o Instituto fizesse jus ao nome: Instituto Nacional de Câncer.

Na época, o então ministro da Saúde, Alcenir Guerra, refutou inicialmente sua proposta de conceder maior independência administrativa e orçamentária para que o INCA assumisse efetivamente o papel de articulador e executor de uma política nacional de controle do câncer. Decidiu, então, procurar diretamente o presidente Collor, que o recebeu no Palácio da Alvorada, em Brasília, graças ao seu bom relacionamento com todo o primeiro escalão, consolidado durante a elaboração do projeto de governo. “Fui recebido rapidamente pelo Collor que, no intervalo de sua ginástica, me garantiu total respaldo para a realização do projeto. Ao deixar o palácio, recebi diversos recados do ministro da Saúde, que já disponibilizava toda sua equipe para a reformulação do Instituto”, relembra. Sobre o contato direto com o presidente, à revelia do ministro, ambos jamais tocaram no assunto.

Foi então que toda a equipe do governo veio ao Rio para a reformulação do INCA, que consolidaria sua atuação na condição de um novo departamento do Ministério da Saúde. O incremento da estrutura foi tamanho que seu mentor, Marcos Moraes, chegou a ser chamado de ‘ministro do Câncer’, em consequência da ascensão hierárquica dentro da política nacional de saúde. Nesse período, elaborou-se o que o médico definiu como a Bíblia do INCA. Trata-se de um relatório com orientações do que e como fazer para a Instituição assumir de vez o caráter de Instituto Nacional de Câncer.

E, para concretizar o projeto frente ao orçamento precário, o diretor apoiou a criação de uma fundação de apoio, que seguiria um modelo administrativo mais flexível, como o de outras instituições públicas em evidência no Brasil, como o INCOR e o Hospital das Clínicas de Porto Alegre. O projeto da FAF saiu do papel com o apoio do novo ministro, Adib Jatene, como solução de uma crise que paralisava o recém-criado Centro de Transplantes de Medula Óssea, por falta de pagamento aos enfermeiros. O primeiro convênio foi assinado com o Instituto Ronald McDonalds que, por meio do McDia Feliz, arrecadou R\$ 84 mil. A quantia era suficiente para garantir um ano de salários aos seis enfermeiros do CEMO. Depois, vieram outros convênios, que até hoje garantem a excelência do INCA.

Com o total respaldo político e financeiro do Plano Brasil Novo, programa federal que pretendia pôr fim à crise econômica brasileira pelo corte de gastos e a implementação de programas de qualidade, deu-se início ao processo de resgate do orgulho de toda a força de trabalho da Instituição, bem explicitado no slogan que estampava a camisa dos quase três mil



Marcos Moraes exhibe o relatório que definiu como a ‘bíblia’ do INCA

funcionários e colaboradores: “Sou do INCA”. O programa teve início com o curso de qualificação oferecido a todos os funcionários, que passaram a atuar como consultores da política do Instituto e ainda eram premiados por mérito. Nesse período, Moraes conheceu seus principais parceiros profissionais, de quem se recorda com muito carinho: Magda Resende, hoje na Secretaria Municipal de Saúde do Rio, e o médico Hernani Saltz.

O respeito e a dedicação dos funcionários foram conquistados aos poucos, graças à transparência da nova administração. No início, surpreendiam-se com a presença do diretor-geral em todas as assembleias de funcionários, onde se recusava a ocupar lugar de destaque ou compor a Mesa. “Me sentava junto aos demais. Estava ali como funcionário da Casa, não como chefe. Fora dali, jamais prometi o que não poderia cumprir”, explica.

Ao longo de quase nove anos, Marcos Moraes e sua equipe ajudaram a consolidar o INCA para sua atuação multidisciplinar de controle do câncer.

Hoje, defende a flexibilização e a modernização da máquina administrativa pública, superando a burocratização excessiva.

Para o futuro, espera assistir ao fim do subfinanciamento da Saúde em todo o País, o que acaba sobrecarregando instituições consagradas, como o INCA. ■